3.º ANNO — N.º 6 * 2.ª SERIE * 1897 — JUNHO

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Orgão da Pia União e do Pão de S. Antonio,
e Boletim da Ordem Terceira de S. Francisco

Approvada e abençoada por S. S. o Papa Leão XIII,
por S. Em.ª o Cardeal Patriarcha de Lisboa, Cardeal Jacobini,
Rev.mo Arcebispo Primaz,
Arcebispo d'Evora, Patriarcha das Indias, Arcebispo do Algarve,
Rev.mo Padre Geral dos Franciscanos, etc.

BRAGA
Typ. de J. M. de Souza Cruz
102, R. Nova de Souza, 106
1897

CARTA A UM PORTUGUEZ NA ITALIA

Duas palavras aos typographos da «Voz» — *Philantropia maçonica com os moribundos da seita* — *Sessão solemne na séde da* União Anti-maçonica *de Roma* — *Prezas oratorias do pançudo Brisson.*·. — *Repto blasphemo de um maçon* — *A* «Luz» *e Leo Taxil.*·. — *Um dilemma para a* «Luz» — *Continúa ainda a somnéca* — *A catastrophe de Pisa*—*Os maçons de Toulouse tambem dormitando.*

MEU CARO AMIGO:

Não sei se reparou em certas palavras que os typographos da *Voz* pespegaram na minha ultima carta. Quando fallava do ensino leigo, por exemplo, em que eu dizia, que a maçonaria, «fazia esforços por *secularisar* o ensino em França», elles em vez de secularisar, pozeram *ridicularisar*. Ora, — o seu a seu dono, — os maçons, coitados, não ridicularisam, secularisam que é cousa diversa. Depois, em vez de Afredo *Fouillée*, pozeram *Funillée*, provavelmente por certa affinidade phonica com os artistas que passam o tempo a fazer funis. E na leitura *Pela Patria*, no meio da columna, onde se diz, «A' luz que enche a sala, podemos nós vêr a figura» etc., compuzeram os typographos «A' *Luz*, que enche a sala» etc. Veja lá o amigo, se isto não é para os da *Luz* envergarem o fato domingueiro, e terem sueto; eu que a dava já por tisica desesperada, sahir-se-me agora com um bojo capaz de encher uma sala. O que vale é que o meu amigo logo havia de dar pelo equivoco, e perceber que se tractava de outra luz. De resto os typographos da *Voz*, são boas pessoas; basta serem d'esta boa Braga, que Deus abençôe.

— Lembra-se do *Progresso Catholico*, d'esse bom semanario, genuinamente catholico, verdadeiro paladino da causa religiosa? Pois ouça o que elle dizia ultimamente, a respeito do muito *carrrrinho e philantrrrropia* dos maçons, para com os tres pontinhos agonisantes: «Ao lado do enfermo, reunem-se em guarda infernal os maçons, segundo o seu proprio regulamento».

«As horas do erviço são desde as oito da manhã ás onze da noite, excepto nos casos de gravidade, que será então de vinte e quatro horas completas».

«Não póde haver mais interesse nem mais zelo, nem mais carinho que os que á primeira vista prestam os maçons n'esta guarda permanente á cabeceira do leito do seu ir .·. enfermo. Mas atravez d'este interesse, d'este zelo e d'este carinho, descobre-se a cilada maçonica, ou o verdadeiro motivo de tão continua vigilancia, a qual é procurar a todo o transe que a alma do maçon enfermo vá para as profundas do inferno.»

E' este e não outro o segredo da assiduidade com que os maçons velam o seu infeliz irmão .·. enfermo».

Tem carradas de razão o *Progresso Catholico*, e é para lamentar que algumas familias se deixem lavar da refinadissima hypocrisia d'estes vampiros, permittindo-os no lar domestico, em vez do sacerdote de Jesus Christo com o qual entraria a paz e a consolação n'aquellas almas atribuladas, n'esses apertadissimos transes em que facilmente se veem as cousas como ellas realmente são. O parocho, e em geral o padre é, para esses missionarios de Satanaz, uma ave agoureira que virá trazer a morte ao enfermo; e d'isso convencem os franc-maçons as mais das vezes os familiares do moribundo.

A's vezes, é engraçado, para não dizer ridiculo, vêr o ar desenfastiado e presumpçoso de certas matronas que, ao annunciarem-lhes o parocho, respondem todas senhoras de si como se quizessem metter alguma lança em Africa: forte mania! diga-lhe lá que não estou em casa, que o sr. Fulano ainda não precisa de confissões nem rezas. E depois com as bandeirolas do chapeu em continuo rebuliço, como quem não traz a cabeça no seu logar, ouvem os preceitos do doutor, que deixa morrer o doente sem confissão, nem sacramentos. Chama-se a isto morrer á moda, segundo os modelos dos ultimos figurinos, desenhados pelos habitantes das pocilgas maçonicas: Liberdade avariada a que chamam de funil.

— Recebi o folhetim da *Vera Roma*. Muitissimo obrigado. Lá vi a descripção da solemne sessão, que teve logar na séde da *União Anti-maçonica*, presidida por Mgr. Lascreschi, esse sabio e piedoso bispo, incumbido pelo congresso de Trento de descobrir a verdade ácerca da questão *Vaughan-Taxil*. Pelo que vejo foi solemnissima, de mais a mais abrilhantada com o telegramma de S. Santidade, e animada com as muitas mensagens de Hespanha, França e Italia. O professor Persiquetti fallou da necessidade da acção anti-maçonica, e gostei d'aquella parte do seu discurso em que elle disse que a philantropia maçonica consistia em roubar os bens dos pobres, e destruir hospitaes e obras de beneficencia, e combater todas as instituições, como as ordens religiosas, que se propõem aliviar os desgraçados. Gostei tambem da exposição que fez o secretario, ácerca dos trabalhos que teve a União Antima-çonica, para tirar a limpo os embustes e as ladroeiras dos bandidos maçonicos Taxil, Bataille e companhia. Veio a proposito para vêr se a *luzinha* abaixava um pouco a garimpa. Principalmente o discurso de Mons Schiró foi, segundo me parece, bello, eloquente, arrebatador; o esqueleto informe, hediondo e nauseabundo da malvadez maçonica foi desenhado pelo eloquente orador com expressões de fogo. Deus permitta que em breve se ouçam cá pela Parvonia occidental oradores d'esse pulso, que sem medo affrontem as iras dos raivosos e façanhudos franc-maçons.

Isto é questão de tempo, meu caro; mais tarde ou mais cedo, cá os havemos de ter tambem.

3.º ANNO — N.º 6 | 2.ª SERIE | 1897 — JUNHO

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

SUMMARIO

O suffragio popular.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: Ordem Terceira — Indulgencia da Porciuncula — Circular do R. P.º Commissario da V. Ordem Terceira de Lisboa — Santo Protector para o mez de julho — Indulgencias.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Vida de Santa Rosa de Viterbo *(continuação)* — Pensamentos — Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: Setimo, não furtar.
IV Parte — CULTO DE SANTO ANTONIO: *Portugal:* Novos membros — Braga — Festejos a S. Antonio, etc. — Lisboa — Porto — Setubal — Bragança — Funchal — Porto d'Ave — Abrantes, etc. — *Estrangeiro:* Roma — Brazil.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: O homem *(continuação)* — *Poesia* de Leão XIII dedicada ao Sagrado Coração de Jesus — As nossas illustrações.
VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL — Echo das Missões — *Varia.*
Gravuras: Santo Antonio da Mattinha — A basilica de S. Antonio em Padua — Estudantes do Collegio de Montariol, vestidos de franciscanos, na procissão de S. Antonio, em Braga.

O suffragio popular

GERALMENTE admittido que a liberdade carece d'esta garantia para sua salvaguarda. Modernamente, a nação que não usasse d'este meio para guindar ás culminações do poder os homens de merito, seria reputada como barbara ainda, para a qual o sol da liberdade não tinha raiado, nem a luz do progresso purificado em suas ondulações beneficas e regeneradoras, as almas dos tristes que vivem algemados com as correntes da escravatura moral.

E' certo que os costumes dos povos mudam com o succeder-se das gerações. E' innegavel que as leis que em tempo serviram de norma a um povo, caducam desde que as necessidades d'esse povo forem outras. Mas o que não varia, o que não póde caducar é a legitimidade do principio porque todos os povos devem ser governados. Este principio está identificado na auctoridade. Portanto, assim como o principio governativo é invariavel, assim tambem a auctoridade o é, pelo menos na sua fórma substancial.

A sociologia moderna, baseada, com raras excepções, nos principios deleterios do philosophismo atheu e materialista dos dois seculos anteriores, defende o suffragio popular, que ella manipolou, e aponta-o como o meio salvador contra os abusos auctoritarios commettidos desde que a sociedade começou a existir sem esse suffragio.

Não discutimos as vantagens do regimen em que o povo é chamado a eleger os que lhe devem legislar. Não combatemos a legitimidade d'esse

principio na sua origem, e muito menos no campo theorico. Não vamos interrogar a historia para dizer-nos se outr'ora as nações, sem o suffragio popular, eram mais felizes ou não.

Tão pouco diremos se o suffragio popular, maximamente na fórma porque hoje se exerce, vae ou não depreciar o principio intangivel da auctoridade. Sómente perguntaremos aos observadores pacatos e conscienciosos do progresso evolutivo das nações, aos que procurem indagar das causas ascencionaes d'um povo, e das que o levam ao desapparecimento completo da sua existencia individual, se na realidade o suffragio popular tem produzido os almejados resultados que os seus cantores e poetas haviam preconisado e acclamado. E segundo a resposta franca, saberemos se convém ou não conserval-o.

A questão não é nova. Aristoteles e Platão já haviam tratado d'ella, á luz frouxa da simples razão natural. Mais tarde, a aguia por excellencia da philosophia christã, S. Agostinho, definiu para todos os tempos, até quando se póde tolerar o suffragio popular. Não o condemna, mas tambem não o divinisa. Não duvída que em determinadas circumstancias se não possam auferir d'elle vantagens excellentes; mas não omitte affirmar que ha epocas em que o dito suffragio se deve eliminar por completo.

No primeiro livro do *Livre Arbitrio* deixou a Aguia d'Hypona, gravado em caracteres indeleveis, o seguinte criterio para julgarmos sem tergiversar sobre o assumpto em questão:

«Quando um povo é moderado nos seus desejos, justo nos seus actos, severo nos seus costumes, e cheio de dedicação pela patria; quando todos preferem o bem publico ao particular de cada um, é justa e sabia a lei que deixa ao cuidado d'esse povo escolher os magistrados que devem governar a republica. Mas se esse povo, corrompido pelo vicio e pelos ambiciosos, vende o seu suffragio e entrega o governo nas mãos de intrigantes sem consciencia, de homens perversos, os homens honestos, se houver algum que tenha influencia, deve privar este povo do poder de conferir as honras e a auctoridade e submettel-o ao dominio absoluto de alguns homens de bem, ou mesmo de um só».

Qual é hoje o paiz em goso do direito de suffragio popular, cujo povo se acha dotado dos predicados que requer S. Agostinho para usar d'elle? Se attentarmos bem nos factos hodiernos e na historia, a resposta é prompta: talvez nenhum.

Não duvidamos asseverar que uma das causas que tem por certo concorrido para a desmoralisação do povo é justamente o suffragio popular. Os elegiveis procuram obter o voto dos eleitores por todos os meios. Estes nem sempre são licitos. D'esta fórma o candidato torna-se dependente do eleitor, que sabe aproveitar a occasião. Comtanto que dê o seu voto sabe que tem no seu cliente um protector para tudo. E com esta confiança não trepida diante da depravação de costumes, do crime até.

A historia do suffragio, e tambem a da criminalidade, registam factos bem deploraveis sobre este assumpto.

Nós, os que trabalhamos pelo bem, onde quer que elle deva estabelecer-se, e que não condemnamos em absoluto o suffragio popular, porque em determinadas circumstancias póde ser uma benefica disposição social, esforcemo-nos por restaurar a morigeração no povo, e teremos purificado o direito do suffragio.

O povo, conscio do seu dever, saberá cumpril-o, e não usará do direi-

to que lhe foi concedido senão para o seu proprio bem estar, de que tanto carece. Deixar o povo na ignorancia do uso recto que deve fazer dos seus direitos é crueldade, que reverte em prejuizo publico.

SECÇÃO DOUTRINAL

Ordem Terceira

Indulgencia da Porciuncula

AVISINHA-SE o mez d'Agosto. Não é pois fóra de proposito recordar aos Irmãos Terceiros e mais fieis o grande thesouro de graças e bençãos que a Egreja, nossa Mãe, lhes dispensa na entrada d'esse mez. Refiro-me á indulgencia da Porciuncula, que tão significativamente, lá fóra, chamam tambem o *Grande Perdão*.

São aos centos, aos milhares, os fieis que n'esses dois dias, 1 e 2 d'Agosto, concorrem a Santa Maria dos Anjos em Assis para lucrar esta indulgencia no proprio berço do seu nascimento.

Nós, porém, a quem tantas distancias separam d'Assis, nem lá podemos ir, nem d'isso carecemos. A mesma indulgencia, as mesmas graças, as mesmas riquezas podemos lucrar no cantinho de nossas egrejas e sem muito trabalho nem grandes difficuldades; o que cumpre é observar as suaves condições que a Egreja nos impõe ao conceder-nos tamanho favor.

Para lucrar esta indulgencia é necessario:

1.° — A confissão contricta dos peccados. As pessoas que teem o louvavel costume de se confessar todos os oito dias não precisam de nova confissão para lucrar a dita indulgencia, o que não basta aos demais fieis, porque a estes é necessaria a confissão feita quando muito no dia 30 de julho.

2.° — A communhão, a qual não é necessario receber na propria egreja onde a indulgencia se lucra.

3.° — Visitar devotamente uma egreja franciscana da 1 ou 11 Ordem, ou outra que por privilegio especial tenha a dita indulgencia, orando n'ella segundo as intenções do Soberano Pontifice.

Os Irmãos Terceiros, e só elles, onde não houver egreja franciscana da 1 ou 11 Ordem pódem lucrar a dita indulgencia nas egrejas parochiaes, como lhes foi concedido pela S. Sé, e não nas da Ordem Terceira, a não ser que haja privilegio especial. Para lucrar esta indulgencia não ha preces nenhumas ordenadas; requere-se apenas que se ore segundo as intenções do S. Pontifice; basta pois qualquer breve oração.

As visitas pódem começar ahi pelas 2 horas do dia 1 e duram até ao sol posto do dia seguinte.

As visitas devem ser feitas de maneira que o visitante saia por cada vez fóra da porta da egreja, reentrando sempre com a mesma intenção de orar segundo as intenções do S. Pontifice.

Esta indulgencia póde lucrar-se *toties quoties*, isto é, tantas quantas forem as visitas que fizeram.

SANTO ANTONIO DA MATTINHA

«E' muito piedoso, diz Bonifacio VIII, applical-a muitas vezes por si mesmo ; porque ainda quando ganha uma se perdoa a pena, com as outras se alcança augmento de graça e de gloria que coroa todas as nossas boas obras».

Innocencio, XI em sua bulla de 12 de janeiro de 1687, concedeu que esta indulgencia fosse tambem applicada ás almas do purgatorio.

«O merito e a grandeza d'esta indulgencia são capazes, diz Bourdaloue, de excitar a inveja dos demonios contra os homens, porque um peccador, ainda que haja commettido todos os crimes que se pódem imaginar, merecido todos os tormentos do inferno, ganhando a indulgencia plenaria, fica logo livre diante de Deus e póde gloriar-se de nada dever á justiça divina ; fica tão puro e tão limpo aos olhos da Divina Magestade como se sahira das aguas do baptismo, e tão capaz de entrar a fruir da gloria do ceu como os Martyres que derramaram seu sangue pela fé».

E' pois de summa vantagem e interesse para a alma christã lucrar esta indulgencia da Porciuncula.

Quantos mezes, annos e talvez seculos se poupam de purgatorio com tão pouco trabalho e tanta facilidade.

E' mister aproveitar emquanto temos tempo de merecer.

O R. P. Commissario da Veneravel Ordem Terceira da cidade de Lisboa, distribuiu pelos Irmãos Terceiros do Patriarchado a presente circular de S. Em.ª o Snr. Cardeal Patriarcha:

Carissimo Irmão :

Em virtude da obediencia, que sou obrigado a prestar ao Em.mo Snr. Cardeal Patriarcha, cumpre-me notificar a V. C. uma Circular de Sua Em.ª aos Commissarios das Ordens Terceiras, datada de 30 d'Abril p. p., do theor seguinte:

«Ill.mo e Rev.mo Snr. Tendo por differentes vezes as Ordens Terceiras reclamado da Nossa Auctoridade a defeza dos direitos e privilegios que lhes concede o Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos de 10 de Dezembro de 1703, o qual regula as suas relações com os Parochos das Freguezias, em que se acham constituidas; e como esses privilegios e direitos assentam sómente na instituição e approvação Canonica das mesmas Ordens ; e sendo certo, que muitas d'ellas se acham hoje secularisadas, por não terem senão uns Estatutos simplesmente approvados pela Auctoridade Civil, ficando posta de parte, não sómente a Regra approvada pela Egreja, mas ainda a approvação dos respectivos Prelados, ficando por isso illudidos os Irmãos Terceiros, que entrarem para a Ordem, na esperança de lucrarem as graças e indulgencias pela Egreja concedidas ás Ordens Terceiras, Canonicamente constituidas ; Vimos com estes fundamentos lembrar a V. Rev.ma, no intuito de se tomarem as dividas providencias, sem que seja necessario que o façamos Nós para prevenir os fieis do engano e prejuizo que soffrem, o que tencionavamos fazer por meio d'uma Pastoral —Vimos lembrar, diziamos Nós, o seguinte :

1.º — E' indispensavel, que as Ordens Terceiras de S. Francisco adoptem a nova Regra promulgada por Sua Santidade Leão XIII, na sua Constituição *Misericors Dei Filius,* de 30 de Maio de 1883, ficando por consequencia sem nenhum valor a Regra de Nicolau IV, d'Agosto de 1289.

2.º — Tendo sido os Estatutos actuaes redigidos para observancia da Regra de Nicolau IV : annullada esta, annullados ficam aquelles, no que se refere áquella Regra, e não á nova Regra.

3.º — E' portanto necessario confiar a redacção de novos Estatutos a individuos que, além do zêlo em retemperar a vitalidade do espirito serafico, conheçam especulativa e praticamente a natureza das Ordens Seraficas, a sublimidade dos seus fins e a efficaz applicação dos meios mais conducentes para os conseguir; n'uma palavra, o ser, e a razão de ser do admiravel complexo d'elementos, que constituem a sympathica Instituição do Seraphico Patriarcha.

4.º — Emquanto estes novos Estatutos se não organisam, os Irmãos Terceiros devem cingir-se, quanto possivel, á Nova Regra, supprindo as faltas, e corrigindo as attribuições, que houver entre ella e os Velhos Estatutos ; e para isto não ha mais seguro meio, que recorrer ao Manual, ou Directorio da Ordem Terceira Franciscana, por Nós approvado, indulgenciado e recommendado, como o mais completo que corre entre nós, feito de proposito, e por pessoa competente, para dirigir os Irmãos na observancia da nova Regra.

5.º — E' necessario que a Ordem Terceira esteja sujeita ao regimen, direcção e obediencia dos Prelados da primeira Ordem, e isto, de modo *directo,* nos Paizes onde existem as primeiras Ordens, e de modo indirecto, isto é, a pessoas ligitimamente auctorisalas, nos Paizes, onde as Primeiras estão extinctas, como entre nós. (1) E' esta a expressa vontade de Bento XIII, e Leão XIII, em suas constituições.

6.º — Não se póde admittir em uma Ordem Terceira individuo que já esteja filiado n'outra; porque a pluralidade d'Ordens Terceiras em um mesmo individuo foi prohidida pelo Santo Padre Leão XIII, por Decreto de 31 de Janeiro de 1893.

---

(1) *Isto entende-se* civilmente; *porque religiosamente, e de facto, não estão nem podem estar extinctas. E por isso as Ordens Terceiras estão entre nós sujeitas ás primeiras que existem em Portugal, como se civilmente fossem reconhecidas.*

E' sabido que o reconhecimento civil não se requer para que uma Ordem religiosa gose dos seus direitos canonicos. O contrario seria regalismo condemnado, porque é heretico.

7.º — Por declaração authentica da S. Congregação das Indulgencias, approvada pelo S. Pontifice, de 21 de Julho de 1893, o Decreto, que prohibe a pluralidade d'Ordens Terceiras no mesmo individuo, tem força retro-activa ; e portanto, os que antes d'este Decreto estavam filiados em varias Ordens Terceiras, são agora obrigados a optar por uma só Ordem, e deixar as outras, sob pena de não serem Irmãos de nenhuma, em quanto não optarem por uma, *da qual só* ficam sendo irmãos.

8.º — Feita a opção por uma só Ordem, como cumpre, e é dever, o irmão gozará n'ella de todos os direitos, tanto *principaes,* ou intrinsecos, como *accessorios,* ou extrinsecos.

Os direitos principaes ou intrinsecos são os que resultam da profissão; como por exemplo :— Usar do habito da Ordem, lucrar as Indulgencias, ter voto nas eleições e outros privilegios; mas todos elles só os póde ter na Ordem pela qual optou.

Os direitos accessorios, ou extrinsecos são os que resultam do pagamento da joia, dos annuaes, ou de qualquer pacto expresso, ou tacito, feito ao entrar na Ordem ; por exemplo : — O hospital, o medico ou cirurgião, medicamentos, enterro, um certo numero de suffragios, esmolas e outros similhantes direitos ; estes porém, não se perdem em qualquer Ordem, não obstante o rigoroso dever da opção por uma só.

D'aqui se vê que o Decreto referido, que prohibe o filiar-se em mais d'uma Ordem qualquer individuo, e o obriga a optar por uma só, em nada o lesa no que toca aos interesses *temporaes* de que gosava em differentes Ordens.

9.º — Os que optarem por uma Ordem só, n'essa têm direito a votar e ser votados, se n'elles concorrem as qualidades, que a Regra exige, para os officios e cargos da mesma Ordem; mas nunca d'outras; porque, conforme o Decreto já referido, não se póde ser Irmão Terceiro senão em uma só Ordem, pois que a sua profissão não é valida, senão em uma; d'onde resulta, que ninguem póde ser Mezario d'uma Ordem, sem ter n'ella *profissão valida.*

10.º — E' pois necessario, que os RR. Commissarios, de commum accordo com os dignissimos Ministros, ou Priores das respectivas Ordens, convoquem uma Junta Geral, antes da costumada para as eleições, na qual os Irmãos, que pertencerem a varias Ordens, ou a mais d'uma, declarem por qual d'ellas optam, a fim de, na acta da dita Congregação, se tomar nota e fazer assento do Irmão que entrar, e da Ordem pela qual optou, para assim ser considerado, ou não, por Irmão legitimo, e se saber quaes são os direitos que lhe pertencem.

11.º — Emquanto ao methodo seguido na Ordem Terceira da cidade, não está considerado no Manual, ou Directorio, como contrario á nova Regra, nem nos Estatutos Geraes e particulares de Hespanha, que regulam tambem para nós ; porém o que está em diametral opposição com ella é o exigir-se, que, para ser eleito Mezario, ou Difinidor, se deva primeiro ser enfermeiro menor ; — exigencia, que outr'ora poderia ter razão de ser, mas que hoje não passa d'uma vã nomenclatura, sem significação, e injustamente restrictiva do direito dos eleitores.

12.º — Deve, pois; dar-se por annullada, e de nenhum vigor, este artigo dos velhos Estatutos, e já nas proximas eleições os eleitores terão plena liberdade de votar para os officios da Ordem, e cargos da Meza, em todo e qualquer Irmão professo que, em consciencia, julgarem apto para os desempenhar.

Em quanto ao numero e condições dos Irmãos, que podem usar do direito de suffragio, será o mesmo que pelo passado, emquanto a legitima Auctoridade não mandar o contrario.

E' de esperar que, tanto os RR. Commissarios, como Dignissimos Ministros e mais Mezarios e todos os Irmãos Terceiros acceitem de bom agrado e ponham em pratica a doutrina d'esta Circular, que não tem outro fim, senão assegurar a canonidade das suas Congregações, e a validade dos seus actos e aplanar, em certo modo, as difficuldades que se poderiam offerecer da redacção dos novos Estatutos, os quaes, por este modo, poderão sair canonicos, e collocar-Nos nas circumstancias, que Nós muito desejamos, de poder um dia declarar officialmente isentas as Veneraveis Ordens Terceiras».

Deus Guarde a V. Rev.ma

Segue-se a data e assignatura de Sua Em.ª.

Na mente de haver cumprido com as ordens de Sua Em.ª por este meio, unico ao meu dispôr, tenho a honra de subscrever-me

De V. C.

servo dedicadissimo e obrig.mo

9, 5, 97.

O Com.º da V. Ordem Terceira da cidade

O P.e Dr. B. A. Thomaz Justino.

Santo Protector para o mez de julho

O Seraphico Doutor S. Boaventura, da I Ordem. — Um dos maiores santos e sabios que teve a Egreja e a Religião Seraphica.

As suas obras mais parecem escriptas com o sangue das chagas de Christo, do que com tinta material! tanta é a doçura, a piedade e o amor que ellas rescendem. Sendo Geral da Ordem lhe foi confiada a eleição do Romano Pontifice; eleito Cardeal da Santa Egreja Romana assistiu ao Concilio de Leão, onde, depois que os gregos abjuraram o scisma, falleceu no dia 15 de julho de 1274.

Absolvição geral

No dia 2 — Festa da Visitação da Santissima Virgem.

Indulgencias a lucrar

Plenarias :

1.ª — Uma em qualquer dia do mez.

2.ª — No dia 2 — Beato João de Avelino, Confessor, da I Ordem.

3.ª — No dia 8 — Santa Izabel, Rainha de Portugal, da III Ordem.

4.ª — No dia 9 — S. Nicolau e companheiros, martyres, da I Ordem.

5.ª — No dia 14 — S. Boaventura, Cardeal e Doutor da Egreja, da I Ordem.

6.ª — No dia 24 — S. Francisco Solano, confessor, da I Ordem, e apostolo do Peru.

Parciaes :

No dia 8 — Santa Izabel, Rainha de Portugal — 7 annos e 7 quarentenas.

Virtude a emitar

Obediencia á Santa Egreja, zelo pela propagação da fé.

Maxima de S. Francisco

Ha muitos que em vez de obedecer á legitima auctoridade, olham para trás e tornam ao vomito da propria vontade. Estes taes são uns homicidas que, por causa de seus maus exemplos levam muita gente á perdição.

SECÇÃO HISTORICA

SANTA ROSA DE VITERBO

TERCEIRA FRANCISCANA

Sua vida e epoca, por L. de KERVAL

(Traducção)

INTRODUCÇÃO

(Continuação do n.º 5)

Pelo lado intellectual e artistico, a influencia da Ordem Seraphica sobre esta marcha ascendente do espirito humano, não é menos decisiva nem menos fascinadora.

Não é ella que, tendo á frente os Alexandre d'Hales, os João de la Rochelle, os Adão de Marisco, os Boaventura e os Duns Scotto—não é ella por ventura que remata por outorgar ao methodo escolastico toda a sua pujança, que refracta novos esplendores sobre o dogma, que estabelece os principios de accordo entre a razão e a fé? (1)

Não foi ella por ventura que formulou e reduziu á pratica — no genio de Rogerio Bacon, fundador da Optica, precursor de Copernico e de Galileu — o methodo racional das sciencias physicas, o methodo experimental? (2)

(1) Aug. Conti, *Hist. da Philosophia*, v. 2.º (Florença, 1864). — Mgr. Gonzalez, *Hist. de la philos.* (Madrid, 1879). — Haureau, *La Scolastiq.* — R. P. Prosper de Martigné, *La Scolast. et les Trad. francis.*

(2) Roger Bacon, *Opusmains, perspectiva, de Secretis operibus.* — Cantu, *Hist. univ.* liv. 2.º c. 27.º

Não é, logo, para glorificado o mendigo d'Assis, e sob o impulso de seus filhos que se concebem e realisam essas maravilhas architectonicas, cuja é corôa o Sacro Convento? (1)

Não é sobre seu tumulo e nos claustros franciscanos que alvorece a mystica escola da Umbria, essa escola que prestes se engrandece sob Cimabuë e Giotto e aguarda anhelante — em Fra Angelico, Perugino e Raphael — a derradeira perfeição da arte christã? (2)

Não são acaso, Francisco e sua prole, os precursores de Dante e de Petrarca, que, de via em via, vão «entoando aos povos hymnos novos, a cujas harmonias se extinguem os odios, renasce a concordia, evocada pela poesia? (3)

Esta quadra d'oiro da familia Seraphica começou de ser estudada com interesse e predilecção toda particular pela critica e erudição — um quarto de seculo áquem, sobre tudo.

No intuito de fazer reviver aos olhos da geração hodierna os homens e suas feituras por toda a parte — em França, na Allemanha, em Italia, na Inglaterra — tem-se revolvido com ardor as bibliothecas, exhumado os antigos codigos, os velhos pergaminhos, consultado a tradicção e interrogado os monumentos.

Historiadores e pensadores presaram, em competencia, glorificar as instituições franciscanas, proclamar irresistivel e salutar a acção por ellas exercida na sociedade. (4)

Quem haverá enumerar os preciosos trabalhos, emprehendidos e effeituados á gloria das Ordens Seraphicas?

Os escriptores, ainda aquelles a quem

(1) Tainc. *Voyage em Italie.*

(2) Rio, *L'art christien.* — Montalembert, *Hist. de Sainte Elisabeth,* introd. — Abbé Riche, traduct. *des Fioretti (Étude sur les monum. d'Assise).*

(3) Goerras, *Saint Franç. d'Assise troubadour* (trad. *dans la Revue Europienne* de 1883). — Ozanam, *Les poites francisc.* — Montalembert, *Hist. de Sainte Elisabeth,* introd.

(4) Ozanam, *Les poites francic.* — Montalembert, obr. cit. Chavin demalan, *Hist. de Saint Franc.* — Lemonier. *Hist. de Saint Franc.* — Dr. Bournet, *Saint Franç. d'Assise,* ètude social et medical. — Franç. Prudenzano, *Franç. d'Assis ed il suo secolo.* Cristofani, *Storia d'Assisi.* — Paruph de Màgliano, *Saint Franç. et les Franciscains.* — R. P. Léon. *Aur. Séraph., etc., etc.*

o racionalismo e o espirito partidario trazem mais alongados das crenças catholicas, não tem sido os menos zelosos nem os menos enthusiastas, em estudar essa epopéa de santidade, de fraternidade e de progresso, de que S. Francisco e seus filhos são os heroes.

Não vemos nós com jubilo os Frederico Morin, os Taine, os Gebhard, os Renan, os Sabatier, (1) prestarem homenagem sublime ao genio do Estigmatisado do Alverne, e apoiados em documentos e factos, proclamarem, que o movimento franciscano no seculo XIII é «o mais grandioso movimento popular», a mais fecunda revolução social, para áquem do Christianismo, «de que as gerações conservam lembrança» ? (2)

Mau grado, porém, esse impulso maravilhoso que arrebata após o Mendigo de Assis a flor das intelligencias, mau grado tantos e tão peregrinos escriptos sagrados á origem e desenvolvimento das instituições seraphicas, tão assombrosa, tão estupenda é a vida do Seraphim do Alverne, tão vasta e tão multiplice, desde seu alvorecer, é a missão, o apostolado de suas Tres Ordens, que, por este aspecto, campo immenso por longo tempo remanecerá patente ás investigações do historiador: que, d'entre as personalidades d'esta triplice cruzada da pobreza e da penitencia, muitas, e porventura das mais excepcionaes com seus feitos peregrinos, que deverão de ser bem em grata lembrança das gerações, jazem, mal pesar, ainda no esquecimento.

D'este numero é Santa Rosa de Viterbo. Sua veneração quasi não transpõe os claustros franciscanos e algumas provincias d'Italia.

Os fieis e o clero francez desconhecem-n'a por completo. N'estes ultimos tempos, porém, os Manuaes da Ordem Terceira e a Aureola Seraphica tem relembrado seu nome e feito entrever a alguns terceiros e almas pias sua graciosa e sympathica figura.

Não obstante, é uma das personificações mais originaes e mais completas do espirito franciscano; é como que a encarnação viva do ideal e aspirações evangelisadas nas massas pelos filhos do Padre Seraphico lá no seculo XIII. Como Joanna d'Arc, exhibindo com ella bem mais que um traço de similhança, é o echo loquente das reivindicações e das coleras generosas de todo um povo, a protestação vingadora da consciencia humana contra os commettimentos e victorias da força brutal na affirmação sobrenatural da intervenção divina no andar e progresso humanos; o presagio e a aurora dos futuros triumphos da justiça e da verdade.

De resto, se Santa Rosa é desconhecida á maior parte dos catholicos de hoje, força é confessal-o, nada efficaz se ha empenhado, té aos nossos dias, para tornal-a conhecida e admirada.

As poucas biographias — quasi todas italianas — vindas a lume, demais de remontarem, na maior parte, aos dois ultimos seculos, não passam de compilações mais ou menos fastidiosas.

Por qualquer lado que se olhem são quasi totalmente alheias de critica e das exigencias da sciencia moderna.

Em balde será o tentar dar ahi com uma indicação d'origens, com um estudo de antigos documentos, com uma discussão racional de factos e até com um ensaio serio de chronologia. Apenas o Wadringo em seus *Annales Minorum,* e os Bollandistas nas suas *Acta Sanctorum,* traçaram sobre Rosa de Viterbo algumas paginas que constituem um trabalho, de verdade, historico; suas dissertações, porém, sobre serem incompletas, são, como sabido é, escriptas em latim e entresachadas em grossos folios. Accresce que, não só se não endereçam, mas por qualquer aspecto que se attentem, são inacessiveis ao vulgo.

Quanto á genesis intellectual e moral da Santa, aos resultados sociaes da sua missão, inutil será accrescentar que a nenhum dos passados escriptores sorriu a idéa de nos deparar o mais esmorecido traço.

Pareceu-nos, pois, tempo de encher esta lacuna, e de sagrar a esta santa um estudo, que o fosse — por seu turno — não só uma homenagem de piedade, bem como de sciencia.

De piedade: que grandemente nos empenhamos porque a nossa obrinha não fosse jámais esteril; mas sim portadora ás almas

---

(1) FRÉD. MORIN, *Saint Franç. et les Francisc.* — TAINE, *Voyage en Italie.* — GEBHARD, *Italie Mystique.* — RENAN, *Nouv. études d'hist. relig.* — SABATIER, *Saint Franç. d'Assis,* etc.

(2) RÉNÁO, obr. cit.

do amor da justiça e das virtudes que reflectem os prodigios que annuncia; incendesse os corações nos celestes ardores da abdicação propria, do sacrificio; solidificasse a fé e inspirasse a esperança; fizesse desabrochar em todos os labios a prece para com aquella cuja aureola visa a sobredoirar.

De sciencia: que hoje mais que nunca, o escriptor catholico, se presa conservar-se a par da sua alevantada missão, em maneira alguma deve arreceiar-se nem do exame nem da publicidade; no que nos concerne, é evidenciar aos descrentes, que houverem lêr-nos, que a fé não exclue jámais a critica; que por fazer o signal da Redempção na fronte, por envergar rude burel e cingir uma corda nodosa, nem por isso somos em opposição, em desharmonia com a historia nem com o bom senso.

Uma outra consideração nos levou a emprehender este trabalho.

Figurou-se-nos que esta historia — já passante de 6 seculos — era, todavia, cheia de actualidade e rica, opulentada d'ensinamentos bem propicios á nossa geração contemporanea.

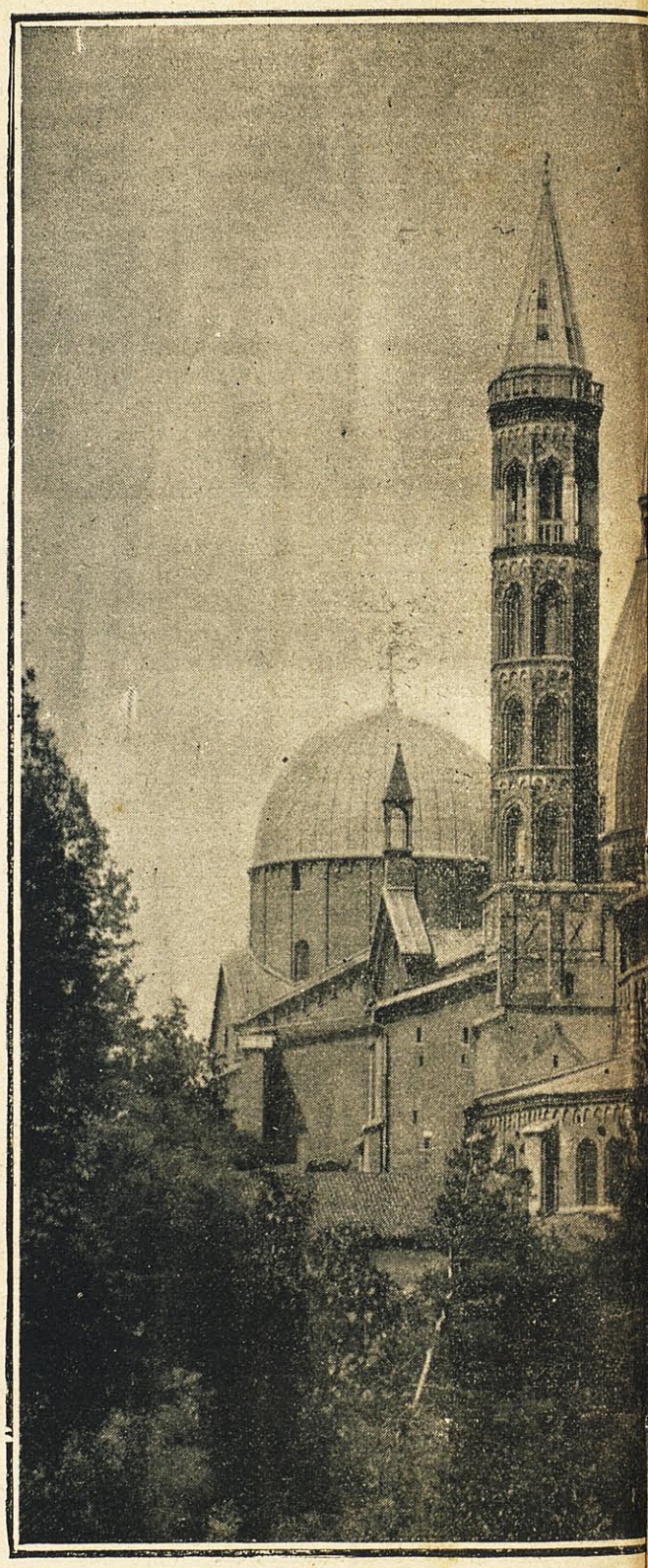
O seculo XIX proclamá-se com ufanias transcendentes *racionalista;* pelo menos boa parte de seus mais famosos doutores forcejaram arvorar a dogma a exclusão do sobrenatural, condemnar a perpetuo ostracismo, relegar Deus dos eventos sublunares.

Ora a vida de Santa Rosa — tal qual se deprehende dos documentos e tradicções authenticas — é um desmentido cathegorico e incessante ás theorias naturalistas.

Desde a aurora até ao pôr do sol de sua existencia, esta humilde donzellinha, que punha tremores aos tyrannos e solevava com o seu verbo inspirado as multidões, estadeia-se aureolada de maravilhas, circumcingida d'uma efflorescencia bemdita de milagres.

O seculo XIX, por outro lado, é o seculo da *democracia.* Quem senão ella empunha hoje os sceptros e os commandos? enthrona e desthrona os soberanos? — A maioria, a força é por ella, o futuro conquista sua.

Ora a historia de Santa Rosa é a glorificação do povo no que elle possue de mais bello, de mais grandioso.



BASILICA DE SAN

o Antonio em Padua

Do povo: que é ella filha de paes humildes, e no mais sublime de seus extasis já mais deslembra as dôres populares e as affrontas cujo são alvo os desfavorecidos da fortuna.

Certo, cuja é personificação em face dos oppressores senão do povo?

Para elle é que ella appella; sobre elle que se firma para levar a effeito sua missão libertadora.

A vida de Santa Rosa é, em derradeira analyse, a solução dos problemas angustiosos em que se intrincam tantos catholicos de hoje, ao attentarem no Papa esbulhado do seu dominio temporal e prisioneiro no Vaticano.

Os emprehendimentos sacrilegos e triumphantes contra a soberania pontificia não datam de hontem.

Orça por mais de 6 seculos o decreto de Frederico II annexando ao Imperio os Estados Pontificios, no intuito de fazer de Roma o centro de suas conquistas.

«Resolução é nossa bem firme, escrevia Frederico ao Arcebispo de Messina, reempunhar não só os sceptros de Spoleto e d'Ancona, bem como de todas as terras que, de já assás longo tempo foram desannexadas do Imperio para formar o pretendido patrimonio da Egreja . . . Roma, sobre tudo, é a capital natural do Imperio Romano, cumpre logo nos seja submissa; senhoreal-a-he-mos, que nossa é a terra, e o mar acata as nossas leis. Tudo surtirá consoante nossos desejos» (1).

Verdade é, que prestes foram coroados com prosperos eventos; ao momento, porém, em que elle marchava de victoria em victoria, uma donzella de 15 primaveras apenas, encetava o seu apostolado pela palavra nas praças publicas; alguns frades mendicantes organisam uma liga de aldeões e operarios, e bem depressa o altivo Imperador, fugindo diante das cidades solevadas, vae morrer-se de desespero entre as muralhas do castello de Pouille (1250), emquanto os horrores d'um patibulo aguardavam a vergontea derradeira de sua prosapia (1268).

---

(1) Huillard-Bréholles, *Hist. Diplom. Frédér. II*, t. 5.º, p. 707, t. 6.º, p. 146.

Melhormente auxiliados pela Franc-Maçonaria e pela diplomacia livre-pensadora, que n'outr'ora Frederico, pelas seitas manicheas, os invasores piemontezes de hoje, levaram a cabo a tentativa nefasta começada pelo Cesar germanico do seculo XIII.

Nem a coragem, nem o desfallecimento dos modernos cruzados, ceifados nas campinas de Castelfidardo ou junto do tumulo de S. Pedro houve tolher-lhes sua rota.

Um quarto de seculo a esta parte, a revolução tem celebrado jubilosa e socegadamente *a brecha da Porta-Pia*.

A derradeira palavra, porém, ainda não soou.

Quem se dér a lêr e profundar a historia de nossa Santa entreverá o epilogo d'este drama, que bem ha prolongar-se ainda, mas que, cedo ou tarde, será coroado pela reivindicação da justiça.

Não haverá Deus de futuro, como bem vezes o registra a historia no passado, pelejar pelo triumpho de sua Egreja, relevando a pujança infinita de seu braço n'algum libertador inopinado, n'algum heroe de santidade prodigiosa? Não o sabemos.

Tanto mais que para derrocar o edificio vacillante alevantado pela força brutal para tornar Roma «intangivel» ao Papa, descarece Deus de recorrer a milagres; consinta sua sabedoria que os humanos successos sigam sua marcha e evolução logicas, e nada mais se precisa . . .

Quando necessario fôr, as vagas ascendentes do socialismo e a solevação universal da democracia cavar-lhe-hão a base.

Como quer que seja, o que é incontestavel é que Santa Rosa nos ensina a espérar no porvir: causas ha, nos lega, que bem pódem remanecer por sempre perdidas; uma, porém, ha, que a todas se sobreleva, e essa triumphará para eterno, jámais será coadjuvada baldadamente: é a causa da Egreja, do Papado, e que o é simultaneamente do povo e da liberdade.

Retomemos coragem, pois, homens de apoucada fé; e, fazendo treguas com preconceitos, estereis e mesquinhos, deslembrando por um momento bens ephemeros e beldades realistas, fascinações da hodierna sociedade, contemplemos esta radiosa figura que, 6 seculos após, reapparece cheia de frescura, trajada de galas primaveraes, d'ideal belleza.

Bem tristes são os soes que amanhecem e se põem, malfadados; o egoismo gelou os espiritos: o odio, verme maligno, corroe os corações; a nossa sociedade, esbulhada da cruz, debate-se nas vascas d'agonia, extorce-se nos delirios da febre.

Invocae aquella, que em eras não menos turbidas, obnubiladas, soube devotar-se, até ao heroismo, ao emolumento dos fracos e dos humildes, aquella cuja vida foi um hymno d'amor e de ternura fraternal, aquella que foi sempre refractaria a toda a politica não baseada nos principios divinos do Evangelho e nos triumphos sublimes do direito: e com os olhos pregados n'esta estrella — a irradiar doces fulgores no bello firmamento da Egreja — prosigamos ávante, a despeito de trevas e través tempestades, no encalço das summidades onde reina para eterno a justiça, para eterno refulge a verdade.

FIM DA INTRODUCÇÃO

(Continúa).

PENSAMENTOS

Regras de vida. No proceder, simplicidade e razão. No interior, aceio e decencia. Nas opiniões, justiça e generosidade. No uso dos bens, economia e liberdade. No fallar, clareza e verdade. Na adversidade, coragem e constancia. Na prosperidade, modestia e moderação. (DOM CATTS).

Com o materialismo toda a malvadez é logica, natural toda a iniquidade, innocentes todos os delictos, livres todas as paixões, violencia todas as leis, a justiça uma tyrania.

(FR. AGOSTINHO DE MONTEFELTRO).

Eu temo a Deus, e não tenho outro temor.

(HABNER).

As paixões são como o fogo: apaga-se quando se lhe deita muita agua ; mas inflamma-se com mais ardôr, se a agua é pouca e insufficiente.

(DOM JAYME BALMES).

O espirito philosophico é para o entendimento o que a consciencia é para o coração.

(J. E. M. PORTALIS).

AVARENTO

Exclamou certo avarento
A um que se ia enforcar:
«— Feliz homem, que tres dias
Pôde comer sem gastar !»

(A. F. DE CASTILHO).

ANECDOTAS

Ambrosio tinha o costume de resonar.

— Onde está o papá? — perguntou um cavalheiro ao filho de Ambrosio.

— No escriptorio, dormindo.
— Pois como sabes que dorme?
— Não o ouve o senhor? Dorme em alta voz.

✣

N'um exame de direito penal:
— O que é fraude?
E' aquillo que V. Ex.ª commette se me reprovar.
— Como assim?
— Fraude, diz a definição, commette-a qualquer que se aproveitar da ignorancia de outro para o prejudicar. Se V. Ex.ª me reprova aproveita-se da minha ignorancia e prejudica-me; e portanto commette fraude.

✣

— O Senhor disse hoje melhor do que hontem disse um medico a um doente.
— Não se admire, respondeu este, estive a ensaiar-me toda a noite.

✣

A dona de casa, entrando subitamente na cosinha, encontra a criada a beber uma garrafa de vinho.
— Francamente, Gertrudes, estou admirada!
— Eu tambem, minha senhora, julgava que tivesse saido.

✣

— Um sargento examina varios soldados na doutrina christã:
— Dize lá, 28, quantas são as pessoas da Santissima Trindade?
— Tres, responde o soldado: Padre, Filho e Espirito Santo.
E o *amen*, meu bruto, não é nada n'este mundo, replica o sargento enfurecido?

Leituras amenas

Setimo, não furtar (1)

PEDRO — disse o Padre Eterno levantando-se da cadeira presidencial — senta-te aqui, que já estou cansado de ouvir tantas infracções do setimo mandamento. Occupa a presidencia, e, juntamente com Miguel, vae fazendo o que te parecer de justiça.

Tratava-se n'aquelle dia de julgar os ladrões, e Nosso Senhor delegou a jurisdicção, por não presenciar o que ia succeder.

— Bem, — disse S. Pedro; — de Porteiro a Juiz não é pequeno salto. Miguel, prepára a balança e vamos a isto, que ha muitos, e é já tarde.

S. Miguel sentou-se n'uma grande cadeira ao lado de S. Pedro o qual occupou a presidencia e ... *dlin dlin:* entre um accusado.

— Bons dias, meus senhores, — disse uma voz clara e despreoccupada como de quem tem limpa e socegada a consciencia.

— Deus te dê os mesmos, — volveu S. Pedro. — Já puzeste os pezos na balança? — disse para S. Miguel.

— Não é necessario — acudiu o recemchegado; — estou mais limpo do que um prato lambido por um cão esfaimado: nunca me apropriei do alheio, nem metti mão nos bolsos d'outrem; porisso, quanto ao setimo...

— Bem, bem, — interrompeu S. Pedro; — vamos vêr isso. Julgas que só é ladrão quem mette a mão no bolso alheio? Que officio tiveste?

— Taberneiro, senhor, para servir a V. Santidade.

— Eu não bebo, — disse o apostolo; — mas conheço a agua. Dize-me: quando o vinho era tinto deitavas-lhe muita?

— Sim, senhor, para diminuir-lhe a aspereza, e para que não causasse damno aos freguezes. Sabe Deus quantas borracheiras não evitei lançando-lhe agua!

—E então ainda queres agora que te dêem um premio? Ora dize-me: e quando medias o vinho não introduzias dentro da medida o dedo polegar para a fazeres trasbordar, antes de a despejar na vasilha do freguez?

— E' que me tremia o pulso...

— Ladrão! Calla-te e roda para a esquerda!

— *Dlin, dlin.* Venha outro.

— Aqui está, senhor, — disse um homem de meia edade, alto, robusto, nutrido. — Sou moleiro; ou melhor: no outro mundo fui moleiro, agora sou um bemaventurado: nunca tomei o alheio, não cobrava mais do que a minha justa maquia, nem um pó de farinha a mais.

— Moleiro e bemaventurado?! Parece-me que é muita coisa para um só... Diz: não misturavas farinha de painço com a de trigo? Não trocavas o trigo bom por outro peor?

— Alguma vez por descuido...

— Por descuido? Ladrão! Para a esquerda.

— *Dlin, dlin.* Póde entrar outro.

(1) Este bello conto que, sob uma forma despretenciosa e um tanto comica, encerra grandes ensinamentos moraes, é tirado do excellente *almanak franciscano* que publicam annualmente os benemeritos PP. Franciscanos de S. Tyago de Compostéla.

— Aqui estou eu: vendia comestiveis.

— E tambem combustiveis, continuou o Apostolo; — vender e não furtar?! Raro como corvo branco ou ovo com pêllo.

— Pois aqui está um exemplo. Quarenta annos fui vendeiro lá no mundo, e, em bôa hora o diga, e Deus Nosso Senhor me ouça, os cabellos se me transformem em lagartos se roubei a alguem um ceitil que fosse. Ouvia missa todos os dias, confessava-me com frequencia, não abria a venda aos dias festivos, era irmão da confraria das Almas...

— Bem bem — disse o Santo. — Com todos esses meritos e condecorações bem podias ter dado lições ao regedor da tua freguezia.

— E usei sempre barba rapada...

— Eu agora não fallo das tuas barbas, fallo das alheias. Bôas as puzeste a teus freguezes! Ora dize-me: não punhas o bacalhau 'num subterraneo humido para que pezasse mais? Não vendias azeite andaluz como de primeira qualidade? Não seguravas o fiel da balança quando pezavas arroz e outras coisas? E o açafrão, quantas vezes o adulteraste misturando-lhe açafrôa? Não humedecias o assucar para que fosse mais pesado? E as medidas de azeite e petroleo, não lhes tinhas aberto uns buraquinhos no fundo para que, em quanto decantavas o liquido para o vaso do freguez, fossem sempre escorrendo e pingando no deposito? Não coces na cabeça, que eu bem sei que não é ahi que te cóme. Responde: não é verdade isto que digo?

— E' sim, senhor, mas...

— Ladrão! Para a esquerda. Outro.

— Aqui está um jornaleiro, — disse alguem, — que passou vida amargurada, ganhando o pão com o suór do seu rosto, e que não viu nem tocou outro dinheiro, proprio ou alheio, senão o que lhe davam por seu jornal.

— Espera — disse S. Pedro: Fumavas?

— Sim, senhor; quem é que não fuma hoje em dia?

— Eu, — disse o Apostolo. — E quando o amo ou capataz voltavam costas, não deixavas logo a enxada e te sentavas a fumar o teu cigarro, descrevendo figuras na terra com o que tinhas na mão, até palpitares que o patrão estaria a chegar de novo? E quando podias, não enterravas a enxada só meio palmo em vez de a enterrares um palmo, para assim te poupares ao trabalho?

— E' que eu não sabia que isso fosse peccado...

— Ora essa! Então tu trabalhavas como cinco e recebias como dez, e não sabias que peccavas?! Esquerda!

E entrou um outro réo, de nariz achatado, olhos de raposo e com uma cara estanhada a que nenhum homem de bem quereria chamar sua.

— Para servir a Vossa Reverencia, senhor S. Pedro, — disse o recemchegado, — sou estalajadeiro.

— Deus me livre de ladrão em descampado.

— Dizia eu que fui estalajadeiro, senhor.

— Não acho differença de um ao outro.

— Pois não me acusa a consciencia. Nunca toquei em um cabello sequer pertencente a um passageiro, nem registei as malas de ninguem, nem...

— Nem déste gato por lebre? E os restos da ceia d'um dia, não os déste ao almoço do dia seguinte, salpicando-os primeiro com pimenta para lhes tirares o gosto a azedo? E por dois ovos que dizias frescos, e não tinham de frescos senão a frescura com que mentias, não levaste muitas vezes um tostão e seis vintens? E não fazias um arroz com quatro pombos, e por fim não sahiam do tacho mais que seis pernas?

E se te pediam um frangainho tenro, não davas um gallo mais duro e rijo que o da Paixão? E o vinho, não o baptisavas até o sufficiente para que podesse bebêl-o o proprio Mafoma? Arre, ladrões! Para a esquerda, que o reino do céo não é para rapozos matreiros e sagazes, só para empolgarem o alheio.

E atraz veio um homem, armado d'um grande cutélo, o qual disse apenas entrou:

— Estou limpo, senhor.

— Pois cheiras muito á carne de açougue, — disse o Juiz.

— Sou carniceiro, é verdade, mas venho bem limpinho de furto. Se alguma vez metti a mão no bolso alheio, cortem-m'a já com esta faca.

— Pois vais ficar já manêta. E senão dize-nos: não eras tu aquelle que seguravas o prato da balança, e vendias cabra por vacca, e ovelha por carneiro, e impingias couro e ossos a uns para levares mais aos outros? Hein? Que dizes?

— Que nunca me deixei cair.

— Pois agora cáes, e cáes por toda a eternidade.

E caiu o carniceiro, e atraz do carniceiro caiu o leiteiro que dava sal ás cabras para que bebessem agua aos cantaros e depois um tendeiro que cortava as unhas quando cortava a fita já medida, e após caíram tantos e tantos, que S. Pedro, fundamente indignado, não pôde mais e levantou-se da cadeira exclamando:

— Ah! raça de ladrões, hypocritas, embusteiros; eu vos ajustarei as contas como mereceis! Olha, Miguel, é melhor pararmos com isto até ámanhã, que é bastante tarde, e a cafila ainda é numerosa. Já me não admiro de que Deus, pae amorosissimo das criaturas, fuja de celebrar pessoalmente este juizo; porque as iniquidades que se commettem na terra devem pungir acerbamente o seu coração infinitamente justo e misericordioso. E ainda os homens querem ser felizes! Fica suspensa a sessão para se continuar ámanhã.

E suspendeu-se effectivamente a sessão até ao dia seguinte.

(Continúa) *J. M. L.*

CULTO DE S. ANTONIO

PORTUGAL

Membros da Pia União

Os associados inscriptos na Pia União até á publicação do numero de Maio eram 88:391.

Hoje contam-se mais os seguintes:

Patriarchado de Lisboa	427
Lisboa	416
Torres Novas	8
Arcebispado de Braga	382
Braga	15
Amares	367
Diocese do Porto	267
Mesão-frio	224
Santo Thyrso	43
Diocese de Bragança	149
Pereira	126
Avidagos	23
Varias Dioceses	273
Total dos associados	89:886

BRAGA

Os festejos a S. Antonio — Extraordinariamente solemnes as festas que a illustre Princeza do Minho consagrou ao Grande Thaumaturgo portuguez.

Tem-se dito que Braga vive das suas tradicções, dos titulos de gloria que lhe conferem os seus pergaminhos; não é assim: o dia 13 de Junho é uma prova da vitalidade dos sentimentos religiosos d'este povo, vitalidade que, em meio da indifferença que gelou o sangue e arrefeceu o enthusiasmo religioso n'uma grande parte do povo portuguez, é um phenomeno consolador que nos garante um futuro mais desanuviado do que ahi temos em perspectiva.

No sabbado á noite as ruas da cidade offereciam um aspecto verdadeiramente pittoresco. Em quasi todas as ruas se levantavam, á porta d'alguma casa de commercio, altares onde se erguia a imagem do Santo, rodeada de muitos lumes. Houve esplendidos arraiaes, com musica e illuminação, no Largo dos Terceiros, S. João do Souto, e Praça Municipal. De noite queimou-se bastante fogo d'artificio e subiram ao ar alguns balões. O activo da festa corria, em grande parte, por conta das creanças, que, muitos dias antes, haviam já começado a percorrer as ruas para ajuntar dinheiro para o custeio das despezas.

Entre os diversos estabelecimentos commerciaes, que levantavam á porta deslumbrantes thronos onde se ostentava a imagem do Santo, houve alguns onde tocou uma banda de musica até á meia noite.

N'esta mesma noite foi benzida por S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Arcebispo Primaz, uma vistosa bandeira que a Juventude Antoniana estreou na procissão do dia seguinte.

Tambem n'esta noite foi sagrado pelo mesmo Ex.mo Prelado um primoroso calix que no dia da festa foi offerecido ao Rev.mo Snr. P.e Fr. João da Santissima Trindade, o qual, logo de manhã cedo, o estreou na missa da Communhão Geral á Juventude Antoniana e pobres de S. Antonio.

*

Solemnidades religiosas — Houve festas de Egreja em varias partes, mas entre todas sobresaía a da Egreja dos Terceiros.

Logo de manhã houve n'esta Egreja missa rezada pelo Rev.mo P.e Fr. João da Santissima Trindade, o qual ministrou a communhão aos socios da Juventude Antoniana, aos pobres de S. Antonio que iam receber a esmola do pão, e a muitas outras pessoas.

Em seguida foram distribuidas 820 brôas.

No côro tocou, durante o acto, a banda dos Orphãos de S. Caetano.

*

A's 11 e meia começou a missa solemne expondo-se o Santissimo Sacramento. Ao altar serviam religiosos de Montariol, celebrando a missa o Rev. P.e Fr. Antonio de Santa Maria, Superior

d'este collegio. A musica era da capella dos Snrs. Esmerizes, que mais uma vez justificaram os merecidos creditos de que gosam n'esta cidade.

Ao Evangelho subiu ao pulpito o conhecido orador Fr. Manoel das Chagas, o qual fez o panegyrico do Santo, provando brilhantemente como o Grande Thaumaturgo foi um *homem illustre* e um *illustre Santo*. A sua palavra era attentamente escutada por um numerosissimo e selecto auditorio.

Na Sé houve tambem, na capella de Santo Antonio, a festa que todos os annos faz, a expensas suas, o conhecido industrial e nosso amigo snr. Antonio Fernandes Lopes. Orou um religioso de Montariol.

Além d'estas houve ainda outras festas na capella de S. Antonio da Praça Municipal, Egreja de S. Vicente, etc.

*

De tarde saiu a procissão anteriormente annunciada; no nosso numero passado publicamos o programma, que foi escrupulosamente cumprido.

Abria o prestito um piquete de cavallaria, seguindo-se o carro triumphal representando as missões catholicas. Caminhava em seguida uma banda de musica, precedendo a procissão propriamente dita, na qual se encorporaram os membros da Juventude Antoniana, com a sua bandeira, muitos Irmãos da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, alumnos do Seminario de Santo Antonio, numerosos anjos e outras figuras allegoricas representando diversas phases da vida do Santo, e varios milagres que a illustram. Seguia depois um côro de meninos vestidos de religiosos franciscanos, acompanhados de musica e entoando canticos apropriados; ia tambem um outro grupo de meninos, igualmente vestidos de habito franciscano, com roquette, os quaes conduziam um andor representando a trasladação das reliquias dos Santos Martyres de Marrocos.

O andor, conduzindo a imagem de S. Antonio, era levado pelos Irmãos da V. Ordem Terceira. Precediam o pallio, sob o qual era conduzido o Santo Lenho, varios ecclesiasticos vestidos de pluviaes. Atraz do pallio seguia, fechando o prestito, uma força de infanteria 8 com a respectiva banda.

Pelas ruas estacionava immenso povo o qual, em longas filas, presenceava a imponente procissão. No largo dos Terceiros a multidão era immensa, custando até a ordenar o prestito religioso. Em todas as ruas do precurso as janellas, repletas de pessoas da mais selecta sociedade bracarense, estavam adornadas de vistosas colchas, o que produzia um espectaculo deslumbrante.

Eram 8 horas quando recolheu a procissão.

*

A academia — A' noite realisou-se no salão grande do paço archiepiscopal uma luzida academia promovida pela bizarra Juventude Antoniana.

Eis o programma que anteriormente se distribuira:

1.ª *parte:* Hymno de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Arcebispo Primaz: discurso de abertura pelo mesmo Ex.mo Prelado; discurso pelo Ex.mo Snr. Bispo de Hymeria; hymno de S. Antonio, pela orchestra; discurso pelo Rev. Fr. Manoel das Chagas; symphonia *Représsailles,* pela orchestra.

2.ª *parte:* Discurso pelo rev. Augusto Coimbra; symphonia *Philoméle;* discurso pelo rev. Antonio José da Silva Gomes; symphonia *Adieux;* discurso de encerramento pelo Ex.mo Snr. Arcebispo Primaz.

A concorrencia era numerosa e selecta: achava-se alli a *élite* da sociedade bracarense. Presidiu o Ex.mo Snr. Arcebispo Primaz, tendo á direita o Snr. Bispo de Hymeria e á esquerda o Snr. Conselheiro Alexandre Cabral, digno governador civil do districto.

No discurso de abertura disse S. Ex.ª Rev.ma que, tendo sido convidado pela Direcção da Juventude Antoniana para presidir áquella festa, accedia com summo prazer, não só por ser uma festa promovida por aquella porção tão querida do seu rebanho, como tambem, e principalmente por se tratar de glorificar um Santo que ao mesmo tempo illustrou a Religião, a Patria que lhe deu o berço e a Ordem Seraphica á qual pertenceu.

O illustre Bispo de Hymeria fallou de S. Antonio como typo do verdadeiro missionario; o seu discurso teve rasgos de verdadeira eloquencia.

Todos os oradores foram ouvidos com a maxima attenção, e interrompidos muitas vezes por estrepitosas salvas de palmas.

O Snr. Arcebispo Primaz encerrou a academia agradecendo a todas as pessoas presentes a sua comparencia n'aquella festa, especialisando o Snr. governador civil e Bispo de Hymeria. Terminou congratulando-se com a Juventude Antoniana pela brilhante academia que promoveu e disse que podiam estar satisfeitos por haverem assim correspondido á expectativa do publico.

Por fim a orchestra executou o hymno de Sua Santidade Leão XIII, ao qual foram levantados vivas, bem como aos Ex.mos Snrs. Arcebispo Primaz e Bispo de Hymeria.

Queimaram-se tambem algumas salvas de foguetes.

*

Uma nota — Sumiram-se já no espaço as eloquentes palavras proferidas pelos dignos oradores; as ruidosas salvas de palmas com que foram applaudidas, passaram já tambem; o estrondear dos foguetes e as notas de harmonia desferidas pela orchestra, já lá vão egualmente; o perfume do incenso, ou subiu ao céo com as preces da multidão, ou dissipou-se na atmosphera; emfim, toda a pompa e esplendor com que foi festejado o dia 13, passou, como passam todas as coisas d'este mundo.

De tudo isto porém alguma coisa deve ficar; mal de nós se tudo se esvaiu como fumo. E' digno de elogio o nobre empenho com que os promotores dos festejos procuraram imprimir-lhe o maior brilhantismo possivel, mas ainda o é mais o bello exemplo que deram os socios da Juventude Antoniana iniciando, pela sua parte, os festejos de S. Antonio com uma solemne *Communhão Geral.*

Porisso, se á nossa voz reconhecessemos auctoridade para tanto, não duvidariamos lembrar aqui aos generosos jovens antonianos o que lá disse, na solemne academia que elles tão briosamente promoveram, um illustre orador: «A devoção a S. Antonio *deve ser essencialmente pratica*». E um outro animou-os tambem a que puzessem de parte o respeito humano, e se não envergonhassem de ser christãos á face de todo o mundo, e de fronte alçada e imperturbavel.

Será este — não o duvidamos — o melhor fructo pratico das solemnes funcções que foram celebradas em honra de Santo Antonio.

Briosa Juventude : não vos pejeis de dar este nobre exemplo ; se tiverdes poucos que vos imitem, tereis com certeza muitos que vos applaudam e admirem.

*

Na 2.ª feira, 14, ás 10 horas da manhã, tambem houve nos Terceiros missa solemne e sermão a expensas do Monte-pio de S. Antonio, em honra do seu padroeiro.

Orou o Rev.º Manoel Joaquim da Cruz, com assistencia de muitos socios e outras pessoas.

*

Um legado — O snr. Antonio Alexandre Pereira Maya instituiu ultimamente um legado perpetuo, na egreja do hospital de S. Marcos, no qual ordena que — todos os annos, a 13 de Junho, seja ali festejado solemnemente o grande Thaumaturgo com missa cantada e exposição do Santissimo durante todo o dia.

*

Abriu-se no dia 15 o cofre das cartas de S. Antonio. Foram encontradas 145 cartas, sendo 132 recommendando diversas necessidades e 13 agradecendo beneficios recebidos. As necessidades eram: 32 curas, 5 matrimonios, 16 exames, 6 objectos perdidos, 1 viagem, 3 demandas, 2 negocios de commercio, a paz n'uma familia, 8 conversões, 3 necessidades temporaes, 5 pessoas ausentes, 8 necessidades espirituaes, 7 vocações, 3 empregos, etc. As acções de graças eram por um objecto achado, 6 curas e outras 9 graças diversas.

Apresentamos algumas : (1)

PETIÇÕES

A pedir saude — Meu querido S. Antonio: Peço-vos a graça de ser boa e activa, e tambem vos peço que me sareis da garganta e me ajudeis sempre em tudo, e vos prometto ser vossa grande devota. — 13 de Junho de 1897.

— Meu Padre Santo Antonio, eu vos rogo para que imploreis do Menino Deus, a graça de dar saude a uma mulher que está gravemente enferma, isto se fôr da sua vontade.

— Meu glorioso Santo Antonio, admirada perante os vossos prodigios e graças que tendes alcançado para aquelles que vol-os supplicam, venho tambem eu hoje a vossos pés supplicar-vos uma, de que muito necessito. Pedia-vos, pois, a cura d'esta enfermidade que padeço já ha tempo e me impede de ganhar o sustento para mim e minha mãe, tambem enferma. Se me fizeres esta graça, que vos peço por tempo de um mez, a contar da data d'esta, prometto-vos duzentos reis para o vosso pão dos pobresinhos. De vós espero esta graça; de vós o supplico. — Cervães 15 de Junho.

Conversões — Meu glorioso Santo : Peço-vos para me alcançardes a graça de meu irmão se ir confessar e ser melhor ; prometto 50 rs. para o pão dos pobres. *Uma devota de Santo Antonio.*

— Meu glorioso Santo : Peço-vos a graça da conversão de duas pessoas, que estão em mau caminho.

Emprego — Milagroso Santo Antonio, attrahida pelos immensos milagres que tendes feito, animada com a mais viva confiança no vosso patrocinio, a vós recorro divino Thaumaturgo implorando-vos que me alcanceis perante o throno de Deus, e de sua Mãe Maria Santissima, a graça de eu sêr despachada, por todo este mez (de Junho), para uma das cadeiras perto do Porto; tambem vos peço que desde o momento em que incetar a minha carreira me ajudeis a vencer todas as difficuldades que se me depararem nas minhas obras e acções.

Milagroso Santo Antonio, confiado na muita liberalidade de Deus, que vos concede quanto lhe pedis, e na muita protecção que dispensaes aos que a Vós recorrem, atrevo-me a pedir-vos que seja nomeada professora, como digo, por todo este mez.

Se vós vos dignardes despachar o meu pedido, eu, sem nunca esquecer os pobresinhos, darlhes-hei tantos tostões, quantas são as lettras do vosso sagrado nome (700 rs. em prata), e prometto rezar-vos todas as noites o terço.

Confiadamente vos peço que attendaes á supplica da mais pobre das vossas devotas. — Porto, 9 de Julho de 1897.

Restituição — O' meu Padre Santo Antonio, por poder do Menino Jesus, eu peço-vos me depareis este dinheiro que me devem, se fôr da vontade de Deus.

Negocio de commercio — Nosso gloriosissimo Santo Antonio, dignai-vos attender o que humildemente vos pedimos, de nos obter uma boa sorte, na sociedade que fizemos no dia 6 do corrente, para occorrer ás nossas necessidades; do bom resultado vos daremos um por cento, para o pão dos vossos pobresinhos e para o vosso culto. Braga 7 de Junho de 1897.

Objecto perdido — Glorioso S. Antonio, por o amor que tendes a Deus, vos peço, que alcanceis de nosso Senhor que eu ache o que perdi, ou o que me roubaram, e desde já vos agradeço muito, e vos darei como offerta uma missa e dois tostões para o pão dos pobresinhos. Santo Antoninho attendei-me, Santo Antoninho attendei-me.

Exames — Glorioso Thaumaturgo portuguez Santo Antonio: Peço-vos que me alcanceis de Deus a graça de ficar approvado em acto.

Espero esta graça (pois sempre tendes sido meu advogado;) e por isso offerecer-vos-hei uma esmolasinha para o pão dos pobres.

Deste teu humilde servo, *A. G.*

— O' meu padre Santo Antonio, permitti que eu faça bons exames, que fique approvado e que

(1) Entre as cartas encontradas no altar de Santo Antonio ha muitas em que os signatarios (quando não são anonimas, como succede muitas vezes) pedem a sua publicação; ora nem sempre é possivel satisfazer a estes pedidos, attendendo ao seu grande numero, á excessiva extensão d'algumas cartas, e mesmo porque nem todas nos offerecem garantias sufficientes de seriedade e veracidade.

o tema de latim tenha poucos erros. Se me fizerdes esta graça agradecerei-vos com a esmola que vos prometti.

— Meu querido Santo Antonio, peço-vos de todo o meu coração que façaes que meu irmão tome gosto pelos estudos, e que acabe este anno os preparatorios; espero de vós, meu Santinho, esta graça e dar-vos-hei uma esmola conforme eu poder para o pão dos vossos pobresinhos. Chaves, 22 — 5.º — 97. *Uma assignante.*

Outras diversas graças — Offerecer-vos-hei, ó glorioso S. Antonio, uma pequena quantia para os vossos pobres se do Bom Jesus me alcançardes a graça, vós sabeis quanto espero da vossa intercessão perante Jesus, de vós que estaes sempre concedendo graças aos que com confiança vão aos vossos altares, de que meu pae deixe a sua indifferença e secura no amor de Deus; moderae seu genio, e dirigi-o para a verdade e o bem, ó meu querido protector. Alcançae-me esta graça do adoravel Coração do meu doce Jesus, e que eu sinta já seus effeitos, n'este tempo em que estarei em casa, até vir fazer o meu exame.

Bem sabeis tambem em que situação está n'este momento a minha vida. E minha alma ah! concedei-me tambem que ella se torne uma chama de amor para com aquelle Deus que tanto amastes na terra, dae-me um puro coração, humilde, e em tudo conforme aos desejos de Jesus.

Permitti emfim, ó querido Santo Antonio, que eu fique approvado no meu exame.

E lá no vosso altar irei depôr a pequena quantia que vos prometto que, pequena que seja, grande será comtudo o meu amor, sempre, sempre. 12 - - 6 — 97. *J.*

— Meu Santo Antonio, tenho nove annos; venho pedir-vos a graça de ser um santo, e que aprenda as contas e tudo muito bem, que minha irmã sare da garganta, que eu vos prometto o meu coração e 100 reis.

Escripta pela minha mão.—13 de Junho de 97.

— Meu Bom Santo Antonio, cheio de confiança em vosso Santo poder venho hoje a vossos pés rogar-vos que tinhaes piedade de mim. Permitti Bom Santo dar-me saude livrar-me de todos os maus pensamentos, proteger e defender de todas as tentações do inimigo.

Se dentro d'um anno estiver completamente bom, dar-vos-hei 1:500 rs. para o pão dos vossos pobresinhos. *C. R.*

ACÇÕES DE GRAÇAS

Gloria a Deus e louvor a Santo Antonio! Offereço-vos 200 rs. para o pão dos pobres, em gratificação da saude que alcançastes a meu sobrinho, que estava quasi morto.

Eu vos agradeço com todo o meu coração. Peço-vos que me alcanceis de Deus e da SS. Virgem a graça de boa escolha de estado, protejei-me n'este negocio, glorioso Santo Antonio. Braga, 7 — 6 — 97.

— Milagroso Santo Antonio. Fiel ao cumprimento da minha promessa, envio-vos os 200 rs. para o pão dos vossos pobresinhos.

Agradeço-vos a graça obtida e ao mesmo tempo vos peço que me não abandoneis no meu primeiro pedido, o qual como sabeis contribue para a alegria e felicidade de meus bondosos paes.

Não desampareis bemaventurado Santo, este vosso servo e associado que tanto vos ama. Lamego, 31 — 5 — 97.

— Meu Santo Antonio bemaventurado, ahi vos offereço 1:200 rs. para o vosso pão dos pobresinhos, em paga do milagre que me fizestes, accudindo-me na minha afflição, satisfazendo o meu pedido de milhorares a minha mãe da doença que tanto me affligia. Se permittires, Santo bemdito, que ella permaneça n'este estado em que está, durante a sua vida, prometto-vos meu querido Santo, dar-vos egual quantia, no mesmo tempo, emquanto eu viver. Tambem vos peço meu querido Santo, que me façaes o milagre de me satisfazeres a outro pedido que ha tempo vos tenho feito; se m'o satisfizeres, prometto-vos, meu rico Santo, de vos dar 1:000 rs. para o pão de vossos pobres. Portalegre, 2 de Junho de 97.

— Meu adorado Santo Antonio, aqui deixo 200 rs. que vos havia promettido quando perdi o meu annel em Março ultimo e por me ter sido entregue, do meu coração vos agradeço. — Braga, 30 — 5 — 97.

— Meu glorioso Santo Antonio, agradeço-vos a grande graça que me alcançaste de Jesus e Maria; sêde sempre o meu protector, e envio a esmola que vos prometti: 1:000 rs. para o pão dos vossos pobresinhos.

— Meu querido padrinho, agradeço-vos o permettirdes eu sarar dos olhos, e não precisar d'ir a Lisboa por emquanto, ahi vos mando 900 rs. que vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos.

Meu querido padrinho, para honra do vossa Santo nome permitti que eu não torne a peorar. Meu Padrinho, permitti que vos seja fiel até á morte, livrae-me dos perigos d'este mundo, da alma, e do corpo, amparae-me sempre até á morte. Dae-me a vossa benção em nome da Santissima Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo. — 11 de Junho de 1897. — *Vossa indigna afilhada muito grata.*

LISBOA

(Centro parochial na egreja dos Anjos)

Do zeloso Director recebemos a noticia das petições e graças ultimamente extrahidas dos cofres de Santo Antonio; infelizmente vieram um pouco tarde, e quando já o presente numero estava prompto para entrar no prélo: sairão por isso no numero seguinte:

(Cofre de S. Antonio, na Egreja de N. Senhora das Mercês)

Oh meu glorioso Santo Antonio, muito vos agradeço a graça que me fizestes, que ha mais de um mez, que estava doente, e assim que vos fiz a petição que metti no vosso Cofre, logo alcancei melhoras, achando-me no meu estado natural. E já deitei a esmola no Cofre do meu Santo Antonio, para o pão dos pobresinhos. — 21 — 4 — 97.

— Estando muito afflicto com uma dôr, prometti dar 200 rs. para o pão de Santo Antonio e quasi no mesmo momento da promessa fiquei bom.

Dou mil louvores a Santo Antonio e muito estimo que este favor seja conhecido.

— Tendo-se-me desencaminhado um testamento de que dentro em breve havia de dar contas, tendo tido grande afflicção por causa d'isto e estando já para mandar tirar uma copia na respectiva Administração onde fora registado, lembrei-me implorar o patrocinio do Santo, promettendo-lhe uma esmola para o pão dos pobres se elle m'o deparasse. No dia seguinte, ao abrir uma secretária, deparou-se o testamento á primeira vista. Na vespera tinha eu remechido essa mesma secretária, examinando minuciosamente todos os papeis e objectos n'ella contidos, sem ser possivel encontral-o.

Profundamente reconhecido por este grande favor, e pelo socego e tranquillidade que me trouxe, venho hoje trazer a esmola promettida.

Glorioso S. Antonio, peço-vos com todo o fervor que me protejaes em todas as minhas necessidades, principalmente nas que ultimamente recommendei ao vosso poderoso patrocinio. *Um devoto de Santo Antonio.*

— Tendo eu tomado incumbencia d'uma duzia de camizas bordadas para fazer, e como não tivesse tempo de as fazer, dei-as para uma outra pessoa, mas com tanta infelicidade que m'as estragou. Imagine-se a afflicção em que eu fiquei, mas como não tinha outro remedio, fui leval-as á dona; quando ia no caminho, lembrei-me de S. Antonio e prometti-lhe 50 rs. para o pão dos pobresinhos; o que sei dizer é que voltei de lá muito satisfeita e socegada, as camizas lá ficaram sem me dizerem a minima coisa; quando cheguei á rua *Eduardo Coelho,* vejo um papelsinho: abaixo-me a apanhal-o: era uma cedula de 50 rs. Aqui conheci ainda mais o patrocinio do Santo; tenho a certeza de que só por uma grande graça d'elle é que as camizas lá ficaram. *Uma pessoa que costuma assistir ao exercicio todas as terças-feiras.*

ESTUDANTES DO COLLEGIO DE MONTARIOL, VESTIDOS DE FRANCISCANOS, NA PROCISSAO DE SANTO ANTONIO, EM BRAGA

O asylo officina de S. Antonio

Lemos no nosso presado collega, o *Correio Nacional* de 14 de junho:

«N'este asylo, situado na Avenida dos Anjos, ao bairro Andrade, foi hontem dia de festa, pois que se realisou a distribuição dos premios ás alumnas asyladas, que mais se distinguiram durante o anno pela sua applicação e bom comportamento.

. . . . . .

Era uma hora da tarde, quando foi distribuida a refeição ás alumnas, constando de massa, cosido com arroz enxuto, feijão carrapato guizado, carneiro assado com batatas, pão, vinho e fructas.

A sessão solemne, realisou-se n'uma grande sala do asylo, circumdada por tres lados por uma galeria, a qual se achava repleta de senhoras e cavalheiros; em baixo a concorrencia, era egualmente grande.

Foi aberta a sessão ás duas horas, presidindo o sr. conselheiro Ferreira Lobo, secretariado pe-

los srs. Simões d'Almeida e Agostinho Maria da Costa Ribeiro.

Em seguida as alumnas cantaram o hymno do asylo, acompanhadas pelo snr. Motta Junior.

Pelo sr. Simões d'Almeida foi lido o relatorio da gerencia, relativo a 11 mezes, julho de 1896 a maio de 1897.

A receita comprehende o seguinte: quotas de socios, 1.218:450; donativos diversos, 659:150; lucros das officinas, 683:050. Total, 2.560:650.

A despeza com a manutenção do asylo, foi de 1.631:755; mais 91:675, depositos retirados da caixa economica escolar; total réis 1.724:430. Saldo disponivel 836:220, o que prefaz um total egual á receita.

Os lucros dos trabalhos produzidos nas officinas do asylo, renderam em 5 annos, rs. 2.508:555, dos quaes 80 % ficaram para a Associação, e 20 % foram applicados á caixa economica escolar, para constituir o fundo de previdencia, destinado a occorrer á compra de ferramentas e utensilios de trabalho, para quando as aprendizas se retirarem para suas casas.

Existem actualmente no asylo 26 alumnas internas e semi-internas.

PORTO

Diz o nosso illustre collega do Porto, a *Palavra*:

«A cidade do Porto, sempre amiga de seus pobres, attesta tambem já a devoção ao grande Santo de Lisboa, o seu amor á pobreza, a sua dedicação verdadeira e sincera ao bem da humanidade, erigindo a Pia União de Santo Antonio, estabelecendo o pão para os pobresinhos.

Na egreja do Sagrado Coração de Jesus, em Villar, no domingo passado, dia da festa do Santo, foi implantada esta obra de caridade. Oxalá Nosso Senhor a abençoe, coroando os esforços de todas as pessoas que trabalharam e trabalham pelo seu estabelecimento».

SETUBAL

Foi inaugurado o Centro local, tendo por Director o R. P. Fr. Maximiano de Maria Santissima, Ex-Ministro Provincial dos Franciscanos em Portugal e Director do Seminario de Brancannes. A inauguração realisou-se no dia 13, com pratica pelo R. Director e enorme concorrencia e provas de muita devoção da parte do povo de Setubal.

Inaugurou-se tambem uma fabrica das celebres *sardinhas de conserva* vulgarmente conhecidas pelo nome de *Sardinhas de Nantes*. A fabrica está collocada sob a especial protecção do Grande Thaumaturgo portuguez. Foi Orador da festa o R. P. Fr. Antonio do Presepio.

E' indiscriptivel o enthusiasmo que reina n'aquelle bom povo de Setubal: ha já 200 associados, por cuja intenção é celebrada, todas as terças feiras, uma missa no altar do Santo. Este, pela sua parte abriu já o thesouro de suas graças, concedendo o seguinte favor: Uma menina estava quasi paralysada d'uma perna, não podendo andar sem muletas, nem deitar-se sem auxilio alheio. No dia 12 recorreu ao Santo, com grande fervor e devoção, pedindo-lhe a curasse, e promettendo-lhe, caso fosse attendida, commungar e ouvir missa em sua honra. Um dia depois, — a 13 de Junho, festa do Grande Thaumaturgo — estava completamente são, vindo ella mesma acompanhada de sua familia, agradecer ao Santo o milagroso beneficio.

Gloria a Santo Antonio!

Digne-se elle volver os seus olhares para a graciosa princeza do Sado.

BRAGANÇA

(Petições enviadas a S. Antonio, ás quaes foi dado o devido destino)

Meu santo da minha alma. E' uma vossa devota que vem implorar-vos n'este dia amarguradissimo. Dae remorsos de consciencia aos que me querem opprimir judicialmente e tão injustamente como vós bem vêdes.

Que fique sem effeito aquelle intento. Se me alcançardes o que vos rogo, enviar-vos-hei 200 rs. para o pão dos vossos pobresinhos. Vossa devota maguadissima, *A. R.*

— Meu santo queridissimo, peço-vos intimamente a conversão do meu filho, que anda por muito maus caminhos. Se elle mudar de vida, e se acabe de resolver a confessar-se e a deixar as companhias más que traz ha tanto tempo, prometto-vos 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos. *Uma mãe afflictissima.*

— Nosso bom protector Santo Antonio, vimos supplicar-vos do intimo de nossas almas, a conversão de dois peccadores impenitentes, e se até ao fim de maio do corrente anno nos alcançardes a graça pedida enviar-vos-hemos 500 réis para o pão dos pobresinhos. As vossas devotas vos beijam os pés. *F.* e *P.*

— E' uma mãe de familia que vem invocar-vos, meu bom Santo. Attendei-me no que vos rogo. Implorae na presença do Menino Jesus pelo bom exito dos exames de meu filho, na proxima epocha. Se obtiver o ficar bem em dois a que se propõe, comprometto-me a enviar-vos immediatamente 500 réis para o pão dos pobresinhos. Vossa humilde devota que vos ama, *M. A. T.*

— Meu protector S. Antonio: Imploro a valiosa protecção para os meus negocios domesticos. Bem sabeis, meu bom Santinho, que os meus meios de subsistencia são mui diminutos. Rogo-vos que influaes no animo de meus inclinos, e que me paguem o que me devem até ao principio de maio do corrente anno, que vos enviarei 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos. *Vossa devota dedicadissima.*

FUNCHAL

O *Domingo Catholico* d'esta cidade, onde são ainda tão puras e sinceras as crenças catholicas, insere em seu numero de junho um magnifico artigo sobre as obras antonianas, sob a epigraphe *Pia União de Santo Antonio.*

Este artigo, escripto a proposito do nosso relatorio de 1896, é uma pequena syn-